

MÉTODOS E PESQUISAS EM BIOGRAFIA MODAL

GILDÊNIA MOURA DE ARAÚJO ALMEIDA

Doutora em Educação Brasileira (UFC – Universidade Federal do Ceará) e Pós-Doutoranda em História da Educação Brasileira (UFPB – Universidade Federal da Paraíba), sob a supervisão do Prof. Dr. Charliton Machado. E-mail: gildeniamoura@gmail.com

Introdução

Quando deparamos com a história de uma personalidade em um trabalho acadêmico começamos a questionar: *E biografia pode ser trabalhada em dissertação e tese?* E perguntamos em outra via: *E por que não? Por que história de vida não pode ser objeto de estudo acadêmico?*

Estudos sobre biografia nos informam que nesse gênero temos mais que a história de uma pessoa. Nela encontramos indícios sociais, religiosos e antropológicos com as características de uma época. Contudo é necessário que em uma pesquisa biográfica devemos ter o cuidado para não transformar um estudo acadêmico, que nos leva a indagações, em apenas uma narrativa sobre a existência de uma pessoa ou a trajetória da vida particular transformada em uma rede de intrigas.

Para realizarmos uma biografia utilizamos várias fontes: da primária obtida em arquivo (público e/ou particular) à secundária. Também temos as obras literárias, porque essas nos dão uma demonstração de como seja um cotidiano de uma sociedade. Em nossa pesquisa utilizamos obras literárias para demonstrar a vida diária escolar. Por exemplo, o dia a dia de uma sala de aula: enquanto que um diário de classe nos informa a quantidade de alunos matriculados em uma série escolar, um livro literário, de memórias ou não, pode nos relatar a convivência entre os alunos, a relação do processo ensino-aprendizagem, a atuação dos partícipes de uma instituição educacional, com seus êxitos ou não.

Uma pesquisa pode, e digamos até em algumas situações, deve utilizar vários modelos de fontes, como também ter diferentes

olhares para que possamos conhecer novos caminhos e assim termos um melhor resultado do estudo.

Segundo Rodrigues (2007, p.5), a fonte primária é aquela em que o pesquisador busca informações em arquivos oficiais, constituídos pelos relatórios, formulários ou algo semelhante. Como também a correspondência oficial ou pessoal do pesquisado e declarações de informantes, enfim, tudo que constitua material original. As fontes secundárias são teses, relatos de pesquisa, livros cujos conteúdos sejam estudos do tema da pesquisa. Expressa mais do que uma simples informação factual, contendo estudo, análise, reflexão, classificação ou descrição, não é apenas um registro ordenado.

Como dito antes, os textos literários, romances, crônicas, contos, autobiografia e memorialismo são também fontes para entendermos o cotidiano de algumas práticas educacionais. Assim, para sabermos sobre o que se passou em certo período e local poderemos recorrer ao gênero da narrativa de (auto)biografia e memórias de uma personalidade para compreendermos todo um contexto social, histórico, político, econômico e cultural pelo qual passa o país em um dado momento.

Assim, neste artigo realizamos uma fundamentação teórica sobre o gênero Biografia e logo em seguida a Biografia Modal.

Gênero Biografia

A biografia apesar de ser um gênero literário de não ficção, por muito tempo não foi considerada como fonte segura no âmbito da historiografia, suscitando a indiferença dos historiadores, pois para esses um relato da vida de alguém não poderia ser considerado um trabalho digno de um historiador. Com o passar do tempo essa visão sofreu modificações, prova disso é que a biografia passou a suscitar interesse, não só pelo público leitor, como também de cientistas sociais, a exemplificar os estudos nos órgãos de comunicação social e de história. Desse modo é

[...] interessante notar como a trajetória biográfica de uma personagem pode se confundir com a de um lugar ou de uma instituição, e como a abordagem biográfica torna-se excelente porta de entrada tanto para a história institucional como para uma área específica, como é o caso da História da Educação (VASCONCELOS JÚNIOR, 2006, p.24).

Numa retrospectiva da biografia histórica, temos a ascensão do gênero biografia no início do século IV a.C, e a concepção de biografia como referência durante o período helenístico e romano desenvolvida no século III a.C, à margem da escola aristotélica (CADIOU, 2007). Contudo foi no século II d.C, com Plutarco¹ e Suetônio² que o gênero biografia teve destaque. O primeiro escritor publicara *Vidas Paralelas* (sobre a história dos homens ilustres da Grécia e Roma); o segundo, *A Vida dos Doze Césares* (biografias dos imperadores de Roma, de Júlio César a Domiciano). As obras desses dois biógrafos representaram o apogeu de um gênero literário que ficou em moda na Antiguidade. Apesar do trabalho desses escritores, somente a partir do século V d.C o termo *biographia* foi usado a primeira vez. Eram utilizados o termo *bios* (vida) e seu equivalente latino *uita*.

A Antiguidade greco-latina deixou para a Idade Média o legado de escrever sobre a vida de personalidades com a finalidade moralizante, assim, a sociedade que fora convertida ao cristianismo exaltava heróis e santos, surgindo assim a hagiografia. Na Idade Média, a maioria dos textos históricos era biografias de bispos e abades que se encontravam em estado de iluminação espiritual e os demais textos eram sobre os soberanos.

Com a história da vida dos santos e a glorificação dos reis, as biografias passaram a ter uma finalidade pedagógica, principal-

¹ Passou a ser chamado de Plutarco depois de sua conversão em cidadão romano, Lucius Mestrius Plutarchus – filósofo e biógrafo grego, nascido em 46 e falecido na mesma cidade de Queroneia, (atual Kaprena, região da Beócia) Grécia, em 119.

² Caio Suetônio Tranquilo, em latim *Gaius Suetonius Tranquillus*, mais conhecido por Suetônio foi um grande escritor latino que nasceu em 69 da era cristã, em Roma e faleceu por volta de 141.

mente aos príncipes, para que estes imitassem as virtudes dos antepassados.

Assim, a biografia passou ocupar um subgênero da história geral, como era influenciada pelo modelo antigo e mantinha uma finalidade didática, ficou mais próxima da literatura do que da história. As biografias romanceadas satisfaziam à curiosidade do público. Voltaire³ aparece com seu primeiro estudo histórico publicado em 1731, a *Histoire de Charles XII* (História de Carlos XII), no qual o filósofo pretendia inovar a escrita histórica, e assim ele conseguiu, escreveu o *Siècle de Louis XIV* (Século de Luís XIV). Ele não apresentou ao público apenas a vida de Luís XIV, mas também a nação e o costume do seu povo. Voltaire estaria antecipando a ideia da Escola de Annales.

Ficou por um bom tempo a biografia como um gênero menor, mais literário do que histórico. Os historiadores do século XIX praticamente não tinham interesse em biografias. Contudo, nos meados do século XX, o alemão Ernest Kantorowicz (1895-1968) renovou o gênero biográfico ao publicar o *Empereur Frédéric II* (Imperador Frederico II), em 1927. E na segunda metade do século XX, os novos biógrafos fortaleceram esse gênero e “grandes personagens” foram inseridos no grupo social do qual eram produtos.

Em 1971, o americano Paul Murray Kendal, com a obra *Louis XI* (Luís XI), legitimou o gênero biografia, e Jacque Le Goff, em 1996, com *Saint Louis* (São Luís) selaria o encontro da produção erudita com o gênero biográfico (CADIOU, 2007).

Destarte, sociologia, etnografia, economia, comunicação, psicologia, enfim, as ciências humanas desenvolvem estudos biográficos para compreender os processos humanos e sociais em um determinado contexto. Desse modo, podemos afirmar que o trabalho biográfico está a serviço das ciências humanas.

³ François Marie Arouet, mais conhecido como Voltaire (Paris, 21/11/1694 — Paris, 30/05/1778), foi um escritor, ensaísta, deísta e filósofo iluminista francês.

Como dito anteriormente, em muitas vezes precisamos da trajetória de vida de outras pessoas para podermos compreender alguns atos ocorridos em um determinado tempo e local. Em uma biografia temos a história de outras pessoas e informações sobre uma sociedade e todo o seu contexto histórico, político, econômico e cultural. Afinal, os indivíduos não estão à margem de nenhuma sociedade, eles estão inseridos nela.

Biografia Modal

Reconstruções de trajetórias de vidas e relatos da história de indivíduos despertaram e despertam curiosidade de leitores sobre a vida pública e/ou privada de personalidades masculinas e femininas, principalmente quando essas pessoas engrandeceram a história de um país. De acordo com o lido anteriormente sobre a história da biografia, vimos que na Antiguidade ela foi muito utilizada, a chamada *Idade Heroica* da biografia, porque nela visou-se o discurso das virtudes, com a cristianização e os valores religiosos, fortalecendo assim os modelos moralizantes. Na Idade Média, a hagiografia privilegiou a história de pessoas santas para serem exemplos de vida a serem seguidas. No século XIX, o gênero biográfico ficou no ostracismo, voltando os historiadores a se preocuparem com a narrativa da história política. E com *Annales*⁴ (a escola que renovou e ampliou o quadro das pesquisas históricas abrindo o campo da História com o estudo de outras atividades humanas, como a Sociologia, Psicologia, Economia, Geografia e afins), o domínio econômico-social era o tema principal de estudos dos historiadores. Somente a partir dos anos 60, do século XX, alguns estudiosos tentavam realizar trabalhos de pesquisas entre a ação humana

⁴ Lucien Febvre e Marc Bloch, em 1929, fundaram a *Escola de Annales* que objetiva ir além da visão positivista da história como crônica de acontecimentos (*histoire événementielle*), substituindo o tempo breve da história dos acontecimentos pelos processos de longa duração, e assim tornar inteligíveis a civilização e as mentalidades.

e as estruturas sociais, colocando assim a história de vida de uma personalidade nos processos históricos, admitindo que juntamente ao estudo da vida das pessoas poderia também ser pesquisada a época e o meio social no qual elas estariam inseridas.

Nos anos 70, do século XX, Jacques Le Goff e outros historiadores, através do livro *La Nouvelle Histoire* (A Nova História), popularizaram as várias perspectivas de escrever a História, tratando de estabelecer uma história serial das formas de representação coletivas e das estruturas mentais das sociedades, cabendo ao historiador a análise e interpretação racional dos dados e de documentos, e assim também com a biografia. A trajetória de vida não era mais a única possibilidade de entender o caminho que a pessoa traçou, havia o método investigativo, usando documentos, entrevistas e as escritas de si para entender o fazer biográfico.

O historiador Giovanni Levi formulou tipologia para biografia. Ele classificou este gênero em três tipos: Biografia Modal, Biografia em Contexto e Biografia Hermenêutica. A primeira desperta interesse quando ilustra os comportamentos ou as aparências ligadas às condições sociais. É possível ver o singular e o comum em um determinado grupo. Alguns estudiosos também a denominam de Prosopografia; a segunda é a biografia que conserva sua especificidade, mas a época, os meios e os ambientes são muito valorizados como fatores capazes de caracterizar uma atmosfera que explicaria a singularidade das pessoas, o contexto explicaria o que não pode ser explicado; e por fim, a terceira, cujo material biográfico torna-se intrinsecamente discursivo, mas não se consegue traduzir-lhe a natureza real, a totalidade de significados que pode assumir, tem uma explicação antropocêntrica. A ação consiste na interpretação dos diálogos, descrições e processo de comunicação entre sujeitos e entre culturas (LEVI, 2002).

François Dosse, historiador francês, classifica em três fases para o fazer biográfico. A primeira é a Idade Heroica na qual as biografias sugerem modelos e valores para outras gerações, são

as histórias de vida que servem de exemplos; a segunda é a Idade Modal onde o sujeito apresenta importância diante do contexto social. O indivíduo só tem valor na medida em que ilustra o coletivo, o singular se torna uma entrada no geral; e a terceira é a Idade Hermenêutica, fase que o biógrafo se permite experimentar, ensaiar e construir através das fontes e das influências de outras disciplinas a história de vida das pessoas. A retomada de interesse pela biografia como a transformação do gênero num modo mais reflexivo (DOSSE, 2009). Para o historiador François Dosse essas três idades de biografia podem se combinar e serem estudadas em um mesmo período.

O primordial em uma biografia é que essa possa funcionar de modo válido como conhecimento e interpretação, realizando indagações sobre o equilíbrio entre esses dois pontos, que o estudo de uma pessoa possa servir ao mesmo tempo de análise sobre sua natureza e sobre a sociedade na qual vive, com um estudo contextualizado e reflexivo.

A trajetória biográfica ilustra também o ponto de vista modal acompanhando o itinerário de uma pessoa para dar conta de toda uma categoria social. O contexto na biografia modal visa preencher as lacunas documentais da biografia.

Hoje *o método* seguido pelos historiadores sofreu uma mudança. Já não se trata de fazer uma seleção de monumentos, mas sim de considerar os documentos como monumentos, ou seja, colocá-los em série e tratá-los de modo quantitativo; e, para além disso, inseri-los nos conjuntos formados por outros monumentos: os vestígios da *cultura material*, os objetos de *coleção* (cf. *pesos e medidas, moeda*), os tipos de *habitação, a paisagem, os fósseis* (cf. *fóssil*) e, em particular, os restos ósseos dos animais e dos homens (cf. *animal, homo*). Enfim, tendo em conta o fato de que todo o documento é ao mesmo tempo verdadeiro e falso (cf. *verdadeiro/falso*), trata-se de pôr à luz as condições de produção (cf. *modo de produção, produção/distribuição*) e de mostrar em

que medida o documento é instrumento de um poder (cf. *poder/autoridade*) (LE GOFF, 2003, p.525).

O monumento caracteriza-se pelo poder de perpetuação (voluntária ou não), das sociedades históricas, é um legado à memória coletiva. O documento tem significado de “prova” histórica. O monumento é a herança do passado, o documento fica na escolha do historiador, se será utilizado ou não, e está na categoria de testemunho *escrito*, a prova de uma “verdade”, tornando-se assim uma autoridade. Com seu todo poder de comprovação, na falta desse, podemos utilizar do contexto para que algumas lacunas possam ser preenchidas e assim compreendermos melhor a história.

Para realizarmos um estudo biográfico utilizamos de fontes documentais, tanto escritas como orais. Tudo ao redor do biografado deve ser observado, pois, nos mínimos detalhes são realizadas grandes descobertas.

Muitos documentos passam a ser monumentos com o evoluir da história. Em muitas das vezes a pessoa biografada transforma-se também em monumento; vemos na história universal algumas personalidades que passaram a referenciais históricos, um patrimônio da humanidade. Contudo, mesmo para esses “monumentos humanos”, apesar de serem personalidades célebres, não ficou definitiva a pesquisa sobre eles, ficaram algumas lacunas que mais adiante outro estudioso iria preenchê-las. Por isso nenhuma obra biográfica é definitiva, pois ela está sujeita a mudanças, a novas pistas, a descobertas.

Tanto a escrita histórica quanto a escrita biográfica são provisórias, ambas são impossíveis de serem finalizadas porque estão em constantes descobertas. Elas são constituídas de verdades, impressões, opções, conquistas, derrotas, angústias, perdas, amores e desafetos, ficando impossível de conhecer um sujeito biografado de forma definitiva, completa e verdadeira.

Assim, a história de uma pessoa, numa perspectiva de Biografia Modal, sua trajetória de vida está interligada a todo um con-

texto social em que o cidadão viveu, como também na construção de seus discursos está toda uma reflexão da sociedade da época.

Ao fazermos a biografia modal de uma personalidade teremos um estudo do período que ela viveu, conhecendo a sociedade desde seus antepassados, se houve influências do seu meio familiar e social para suas futuras atitudes. Para Dosse (2009, p.215) as biografias que ilustram um contexto, um momento, uma categoria social são denominadas de modais, assim “nessa hipótese, a biografia só vale como exemplificação, ilustração de comportamentos, de crenças próprias a um meio social ou a um instante particular.”

O fazer biográfico é importante porque com ele percebemos a trajetória de mulheres e homens como sujeitos na história, vemos como os documentos representam os indivíduos e como esses são representados por suas escrituras e pelas escritas de outros, o biografado como um todo, do individual ao coletivo.

Conclusão

Vimos que com o estudo de uma biografia modal temos mais do que a história de vida de um(a) protagonista, existe ao entorno do(a) biografado(a) um ambiente, todo um contexto social, familiar, religioso, econômico, político e intelectual no qual ela, a personagem principal, está inserida. E para que a narrativa ocorra é necessário haver mais personagens, os coadjuvantes da história da vida real.

Ao fazermos a pesquisa sobre uma personalidade percebemos a necessidade de colocá-la em seu mundo. Quem foram seus familiares? Seus antepassados? Seus primeiros estudos foram em quais instituições escolares? Como eram as escolas na sua época? E muitas outras perguntas. Afinal, uma pessoa não está sozinha no mundo. É necessário sabermos do seu convívio social e familiar para assim entendermos a sociedade na qual ela estava inserida e assim compreendermos as escolhas realizadas pelo(a) protagonista.

Reforçamos o pensamento de François Dosse (2009, p.219): “É essa adequação entre uma figura singular, por um lado, e um meio e uma época, por outro, que o historiador procura: seu tema é o contexto histórico em si, não o indivíduo biografado”. É este o objetivo de uma Biografia Modal, mostrar o contexto histórico, social, político, econômico, cultural e educacional de uma época. Com pesquisa em Biografia Modal realizamos um estudo interdisciplinar.

Referência Bibliográfica

ALMEIDA, Gildênia Moura de Araújo. *Mulheres beletristas e educadoras: Francisca Clotilde na sociedade cearense – de 1862 a 1935*. Tese (Doutorado). Fortaleza: Universidade Federal do Ceará (UFC), 2012, 356f.

CADIOU, François. *et al. Como se faz a história: historiografia, método e pesquisa*. [tradução Giselle Unti]. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. 254p.

DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. [tradução Gilson César Cardoso de Souza]. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009. 440p.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (Orgs). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

RODRIGUES, Rui Martinho. *Pesquisa acadêmica: como facilitar o processo de preparação de suas etapas*. São Paulo: Atlas, 2007. 177p.

VASCONCELOS JÚNIOR, Raimundo Elmo de Paula. O mundo do Barão de Studart: 1856 – 1938. In: MACHADO, Charliton José dos Santos; VASCONCELOS JÚNIOR, Raimundo Elmo de Paula; VASCONCELOS, José Gerardo. *O barão e o prisioneiro: biografia e história de vida em debate*. Fortaleza: Edições UFC, 2011, p.25-51.